

# Queimadura Ácida

Por Antony Johnston

## KRAKULV, 2504

— Nós não vamos a lugar nenhum! Pros canhões!

O capitão Brach Treicher saiu correndo da plataforma de armamento pesado, indo em direção à central de comando. Apesar do tamanho de sua armadura CFC, ele subiu as escadas três degraus por vez, ouvindo o atroar em staccato dos canhões às suas costas. Os soldados tinham visto ambunave após ambunave evacuando a Base Krakulv na última hora e, naturalmente, esperavam ser os próximos a partir. Mas eles iam ficar.

Krakulv era um posto de observação em uma base lunar secreta nos limites do espaço da Supremacia, que monitorava as incursões zergs. Talvez outrora — quando a base foi estabelecida depois da Guerra do Primeiro Contato — houvesse ambunaves para todos. Mas, à medida que o tempo passava e a base — e sua população — crescia (e ficava mais complacente, na opinião de Brach), o número de habitantes ultrapassou em muito a capacidade das ambunaves.

A ordem de evacuar todos os sobreviventes não essenciais e não combatentes depois do ataque inicial viera do major, e Brach teria feito o mesmo, mas a experiência deixou um gosto amargo em sua boca. O primeiro ataque, antes de o sol nascer sobre o horizonte lunar, os pegara de surpresa. Não era para ter sido assim. De que servia uma estação avançada de monitoramento que não detectava um ataque a ela própria? Em dez minutos, um quarto dos habitantes da base tinha morrido. Assim, os sobreviventes fugiram, usando todas as ambunaves menos uma, deixando cerca de duzentos soldados para rechaçar um ataque zerg completo até que a próxima nave classe *Destroier* chegasse até eles...

A porta anti-impacto que dava acesso ao comando central abriu com um sibilo e Brach passou por ela. — Qual o tempo de chegada estimado do Destroier?

A major Lee Treicher, comandante da base, olhou para o console. — Seis horas.

— Seis horas! Lee, não vamos conseguir mantê-los afastados tanto tempo! Krakulv não foi feita pra aguentar esse tipo de cerco!

A maior parte da equipe da central de comando tinha evacuado, mas meia dúzia permanecera ali para cuidar das estações táticas, e naquele instante todos pareciam ter encontrado algo realmente interessante para ver em seus consoles.

Lee olhou friamente para Brach, e ele suspirou. Se havia algo que o exasperava em sua esposa, era aquilo. Ela jamais perdia o controle, nunca levantava a voz com raiva, nem mesmo quando tinha todo o direito. Às vezes dava vontade de sacudi-la só para vê-la reagir e extravasar, para variar.

— Então o que vamos fazer? — disse ela, em um tom neutro. — Nos render? Você quer sacudir uma bandeira branca na esperança de que os zergs tenham se tornado pacifistas?

— Contra-atacar. Não podemos só ficar sentados esperando que invadam.

— Tenho corvos batedores lá fora avaliando a situação. Eu só vou determinar o que faremos depois que eles mandarem o relatório, não antes. Agora venha aqui e me ajude, ou vá lá pra fora incentivar seus homens com insultos.

Brach hesitou, então aproximou-se de Lee. Ele tocou os dedos enluvados da mulher com a pesada manopla de seu traje de combate, apertando suavemente. — Sinto muito — sussurrou.

Ela deu um sorriso torto e se voltou para o console. — Veja essas formações aqui...

\* \* \*

### GARXXAX, 2501

Uma hora antes do meio-dia, Illyana Jorres desligou os monitores de segurança. Ela terminara a varredura remota dos postos avançados na biosfera fazia vinte minutos, antes do prazo, e tudo estava normal. Como de praxe: Garxxax era um planeta pequeno em um sistema pequeno, nos limites do espaço terrano e bastante afastado da agitação da vida em território da Supremacia; a inteligência da fauna local não passava do nível dos bichos da floresta.

Mas era aquilo que ela pedira ao entrar na companhia. Já vira bastante ação na guerra, mais do que o suficiente para qualquer soldado. Sem outras habilidades, entrara para o ramo de segurança freelance e parara ali. Um planeta onde a umidade tornava um simples passeio pela floresta insuportável sem um traje resfriado e até os oceanos que cobriam a maior parte do globo eram quentes.

Mas não havia ação, emoção. Só ela, dez cientistas e o calor. Para Illyana, estava ótimo.

\* \* \*

*O beemote grunhiu, movendo sua grande massa corporal para aliviar a dor das feridas de guerra. A frota protoss o pegara desprevenido, à deriva pelo espaço nos limites do setor, e o*

*beemote pagara o preço. Agora sua vida se esvaía, mesmo que a batalha tivesse acabado. Sua própria vida não importava, mas carregava milhares de outros zergs dentro de suas membranas cavernosas, e eles também correriam risco se ele percesse. Mover-se pelo espaço era o seu estado natural, mas o ato não era livre de esforço. O velho beemote precisava de tempo para se recuperar e renovar as energias. Não era possível fazer isso no vácuo do espaço.*

*A Kerrigan guiara o beemote até a vitória em batalha, ao preço de suas feridas. Agora ela olhava por seus olhos cansados, varrendo a região em busca de um local de repouso adequado.*

*Ali, no sistema adiante. Um planeta com atmosfera de oxigênio nitroso e vida baseada em carbono. Vida que o beemote e os milhares de zergs que ele levava nas membranas cavernosas do seu corpo poderiam consumir para sobreviver. Para se curar. A Kerrigan guiara o beemote até seu destino.*

*Depois de algum tempo — uma hora, um dia, uma semana, um mês? O tempo pouco significava para alguém tão velho —, a nave viva entrou no campo gravitacional do planeta. As nuvens vaguejantes eram espessas, obscurecendo o terreno. Quando o beemote atravessou as nuvens, reconheceu algumas características do lugar. Já vira outros planetas parecidos, com montanhas e árvores, e terra recoberta de verde. Já repousara em um planeta assim. Haveria rica proteína ali, talvez até vida mamífera.*

*Vida. Sim! O beemote detectou calor biológico aglomerado mais abaixo. Instintivamente, ajustou sua trajetória de descida na direção da fonte.*

\* \* \*

Brach observou os relatórios dos corvos chegando e os repassou a Lee. Ambos tinham lutado na Guerra do Primeiro Contato e sabiam o que esperar. Zergnídeos, mutaliscas, hidraliscas... mas havia algo mais que ele não reconhecia.

— Major, o que diabo são essas coisas?

Lee deixou o console principal e foi até Brach. Ela observou as imagens borradas de estática. Apontou para uma coluna de zergs atarracados, com vários membros, saracoteando sobre uma camada de gosma. Seus corpos amplos eram recobertos por uma espessa carapaça blindada e espinhosa que escondia suas características do ar e se moviam em grupo até uma instalação de comunicação a dois cliques das muralhas da Base Krakuly.

Lee sacudiu a cabeça. — Nunca vi essa unidade antes. Mas nós sabemos que os zergs evoluem e mudam rápido. Pode ser algo novo ou uma unidade antiga com melhorias em...

A coluna zerg chegou a um quarto de clique das antenas da estação, e a linha de frente se ergueu e vomitou jorros de ácido esverdeado. Ao terminar, a linha de trás fez o mesmo. Trinta segundos depois, o complexo de antenas era uma pilha fumegante de novoação derretido.

— LRC-4 ficou offline — gritou um dos técnicos.

Lee sibilou entredentes. — Baratas.

— Tem certeza? Achei que elas fossem... menores.

— Obviamente cresceram. Merda. — Lee correu de volta ao console principal e estudou o status de defesa da base pela centésima vez. — Nossas muralhas ainda estão em cem por cento, sem brechas nem danos sérios. Mas aquelas coisas vão destruí-las em uma hora ou duas.

— Esse "ou duas" é que pega. Nós podemos já estar no transporte quando eles chegarem.

Lee não respondeu. Ela estava indecisa, paralisada. Brach não a via nervosa daquele jeito desde o casamento, e ele sabia exatamente por quê. Ele pensou no dormitório que dividiam e na estante de troféus que insistira que trouxessem, para lembrá-los que, mesmo tendo sido designados para aquela base de monitoramento sem importância, ainda eram soldados que serviam com honra. Mas a estante não guardava apenas medalhas e troféus. Eles a tinham enchido com lembranças do campo de batalha, para não esquecer o que tinham passado durante a guerra. Sabia o que Lee estava pensando. Ele precisava fazer algo.

— Eu vou levar um esquadrão aéreo e conseguir mais tempo pra gente. — Brach fez continência e voltou-se para sair. — Major.

Lee ergueu o olhar do console, alerta. — O quê? Não! Você sabe o que esses bichos podem fazer, e esses são os maiores que eu já vi. E se eles puderem atacar unidades aéreas?

— Então por que não derrubaram os corvos? A carapaça deles restringe muito o movimento, não conseguem olhar pra cima. Só preciso de meia dúzia de vudus e as coordenadas dos corvos. Fácil, fácil.

— E faz quanto tempo desde que um de vocês saiu com um vudu? Seis meses? Um ano? Vocês estão tão enferrujados quanto as naves, e não vou arriscar mais vidas sem um bom motivo. Ninguém sai da base, e isso inclui você, capitão. Entendeu?

Brach sabia que Lee estava falando sério quando ela o tratava por capitão ou por seu nome completo: Brachyan. Ele odiava aquilo, principalmente porque o fazia se sentir uma criança. Ela era sua esposa e seu superior hierárquico... mas não queria dizer que ela nunca

errasse. Por exemplo, ela não sabia que ele e outros veteranos davam voltas nos vudus todo mês durante a meia-noite lunar.

— Sim, Major — disse ele, e saiu da central de comando.

\* \* \*

— Ei, Illyana. Qual a boa? — disse Dannion Kortter sem tirar os olhos do monitor.

— Nenhuma — respondeu ela enquanto a porta às suas costas se fechava. — Aqui só tem eu, você, nove c.d.f.'s, onze ecossistemas falsos e um monte de nada acontecendo. E é assim que eu gosto.

Como se só esperasse a deixa, o console de Dannion acendeu, e uma transmissão chiada ecoou no sistema de som.

— *Raynolds para base. Tem alguma tempestade prevista?*

Dan abriu o canal. — Aqui é a base, Raynolds. — Ele leu a agenda de trabalho. — Você está na biosfera três, o domo de lesmas e seiva sob a montanha. Qual o problema?

— *Parece que apagaram as luzes. Mas eu olhei a previsão do tempo antes de sair da base e não tinha sinal de tempestade nem nada. Pode ver isso aí?*

— Pode deixar, espera um pouco. — Dan pediu a previsão do dia com os padrões em tempo real. — Era para estar claro e seco. Será que é a sombra da montanha? Aqui escurece às duas da tarde. Se o sol estiver se pondo do outro lado...

— *Duas vezes por semana eu saio a campo, cacete, eu sei quando escurece aqui.*

Illyana aproximou-se do ombro de Dannion. — Raynolds, aqui é Jorres. São ou não são nuvens?



— *Como é que eu vou saber? Estou no domo das lesmas, não dá pra ver nada pelas telas geodésicas. E a luz está piorando a cada segundo. Vou voltar pra sala do console antes que eu precise de uma lanterna pra*KRZRRZKRZKRZZZK

O chão tremeu.

— Que diabo foi aquilo? — Dan cutucou os receptores, tentando restabelecer comunicação.

Illyana pensou que o chão ainda tremia, mas percebeu que era seu sensor de alerta vibrando em seu quadril. Ela o verificou. — Merda.

Hesken, um dos cientistas, entrou correndo na sala, ofegante. — Isso foi um terremoto? Eu odeio terremotos. Não me digam que o planeta é instável.

Illyana passou por ele. — Não sabemos, mas, seja lá o que for, comprometeu a integridade da biosfera três. Acabo de receber um alerta: o isolamento foi rompido e as medidas de segurança foram ativadas. Kortter, continue tentando falar com Raynolds.

Dados e relatórios passaram pelos monitores em rápida sucessão. Os olhos de Dan iam de tela a tela, lendo tudo por alto e procurando uma solução — ou ao menos uma explicação. — E você?

Illyana passou pela porta sem olhar para trás. — Eu vou lá fora.

\* \* \*

Seis vudus rugiram no céu arroxeadado, disparando foguetes contra os zergs. O vale acendeu-se em chamas enquanto Brach fazia o retorno para mais um ataque.

— O primeiro ataque foi letal, Major — disse ao comunicador. — Vudus, começar segundo ataque.

Na base Krakuly, Lee estava furiosa, cerrando os punhos em silêncio. Suspeitara que Brach a desobedeceria, saindo com os vudus. Ela sabia tudo sobre as voltinhas de treino que ele organizava todo mês à meia-noite lunar, quando ele achava que ninguém estava vendo.

Se eles sobrevivessem àquela batalha, ela poderia repreendê-lo. Mas apenas "se". Em matérias de vida ou morte, uma corte marcial era a última das preocupações de um soldado.

Ela os deixou em paz e pediu à equipe da central de comando que lhes desse total apoio tático. Agora que estavam lá fora, ela não tinha escolha.

Brach se preparou para o segundo bombardeio, armando todos os sistemas enquanto fazia o vudu planar num rasante. No primeiro ataque, eles tinham voado camuflados desde a base, descendo a toda e disparando no último segundo, antes que os zergs pudessem mandar um supervigia para aquela posição... e antes que os sistemas de camuflagem daqueles calhambeques ficassem sem energia — o que aconteceria a qualquer momento. Lee estivera certa quanto àquilo, pelo menos.

Agora os zergs sabiam que eles estavam chegando. Brach esperava que pudessem voltar rápido o suficiente para evitar que os reforços zergs chegassem antes dos seus homens.

— Fogo!

Brach passou voando pela coluna de baratas, não mais uma massa sólida de carapaças, mas agora cheia de buracos causados pelos mísseis dos vudus; e, quanto mais mísseis explodiam pelo vale, mais buracos apareciam...

Mas algo não estava certo. Ele esperava ver carapaças rachadas e entranhas de zergs espalhadas pelo chão. Em vez disso, os buracos na coluna de baratas eram apenas... buracos, como se as baratas tivessem simplesmente desaparecido.

Ou se entocado.

Brach viu baratas se entocando, deixando que a superfície rachada e poeirenta da lua as engolisse, protegendo-as. Algumas estavam feridas; outras se entocaram como medida preventiva. Os vudus precisariam de algo mais forte que mísseis para acabar com aqueles zergs.

— Afastem-se das baratas! Concentrem fogo n...

Antes que ele pudesse terminar, um baque doentio ecoou em seus fones de ouvido e uma onda de choque sacudiu seu vudu. Brach puxou com força o manche para estabilizar a nave e subiu, olhando ao redor para localizar a fonte do impacto. Ele viu o casco desintegrado de um vudu caindo em chamas, e, mais atrás, atravessando a explosão, um esquadrão de mutaliscas.

— *Três no alto, Capitão!*

O grito do copiloto clareou seus pensamentos. Ele se voltou e viu duas mutaliscas descendo a toda da atmosfera, indo direto ao seu encontro.

\* \* \*

Illyana fechou o zíper do traje resfriado e verificou o status. Tudo verde. A atmosfera de Garxxax era respirável, mas muito rica em nitrogênio, de forma que era necessário acoplar plugues de oxigênio no nariz. Então apertou as botas e verificou duas vezes o lacre das pernas. Ela negligenciara aquelas precauções na primeira vez em que tinha ido à floresta, e por uma questão de segundos uma lesma zantar não escorregara para dentro da sua bota. Já vira o efeitos do muco ácido que elas excretavam no laboratório e sabia a facilidade com que aquilo poderia ter dissolvido sua canela. Illyana jamais voltou a negligenciar os procedimentos de segurança.

Arma. Com alguma sorte, não precisaria dela, pois a maior parte da fauna era dócil ou tinha medo dos terranos. Mas nunca saía sem uma pistola. Pegou o velho P220 e o examinou manualmente. Era quase tão velho quanto ela, e Illyana sabia que a maioria dos veteranos tinha passado a usar rifles mais novos e mais poderosos. Mas o P220 nunca engasgava, nunca dava chabu. A arma mais poderosa da galáxia não servia de nada se engasgasse.

Por fim, ela desceu o visor sobre o rosto para proteger seus olhos do sol da tarde. A biosfera três ficava do lado norte de uma montanha, mas, se aquele fosse um problema geral, ela precisaria dar uma olhada nos outros postos avançados, e alguns ficavam em áreas expostas que recebiam luz do sol por todo o dia. A inclinação axial extrema de Garxxax fazia com que o sol levasse horas para descer a linha do horizonte àquela época do ano.

Dannion entrou na sala de preparação. — Eu consegui falar com o Raynolds. Quer dizer, mais ou menos.

— Não seja tímido, Dan; não faz seu gênero.

Ele não respondeu, e Illyana percebeu que a expressão que ela julgara ser de decepção era na verdade de medo.

— Quero dizer que não tem sinal vital. A comunicação com a biosfera ainda não retornou, mas captei um sinal fraco vindo do monitor vital. Sem pulso. — Dan suspirou.

Illyana o conduziu para fora da sala. — Você disse que o sinal era fraco. Talvez a recepção ou a emissão estejam com problemas. Continue tentando, ok?

— Acho melhor você não ir. A gente devia pedir uma evacuação agora mesmo. Demora quatro horas prum ônibus espacial chegar aqui...

Ela o levou de volta à sala de comando central. — Eu vou ficar bem, Dan. Eu sei cuidar de mim.

\* \* \*

O vudu desceu em espiral, adejando em todas as direções enquanto pestes morfélicas explodiam em seu rastro. Vinte mutaliscas perseguiram o vudu, cuspidando pestes na traseira da aeronave enquanto ela girava, caindo na direção da base Krakulv. Fumaça negra emanava do seu flanco esquerdo.

No comando central, Lee Treicher observava os varredores, nervosa. A equipe tinha feito projeções que mostravam que o vudu podia retornar ao perímetro de defesa de Krakulv antes que as mutaliscas fizessem contato físico. Mas as projeções eram apenas estimativas, e descontar um turbopropulsor danificado hipotético só tornava tudo ainda menos confiável.

— Dez segundos até chegar no perímetro de defesa, Major.

O vudu girou de lado, evitando um aglomerado de mutaliscas que concentrava fogo em seu flanco direito. Um nó de pestes explodiu, caindo em cascata feito fogos de artifício.

— Cinco segundos. Quatro. Três. Dois...

— Todos os canhões! Fogo! — gritou Lee.

Os soldados responsáveis pela artilharia pesada ouviram direitinho. A um quarto de clique das muralhas da base, o céu escureceu com os tiros da artilharia antiaérea, rasgando carne de mutalisca. O vudu desceu imediatamente para evitar a salva.

— *Putá que pariu, hein, pessoal, deixa eu entrar antes de passar fogo!*

A voz de Brach estalou em meio à estática e o baque surdo das explosões próximas, mas Lee ouviu perfeitamente. Ela se odiou por sorrir quando os outros cinco pilotos que seu marido levava junto tinham sido abatidos pelas mutaliscas ou pelo esquadrão de hidraliscas que aparecera pouco depois. Mas, a cada minuto que passava, parecia que aquela seria sua última batalha, e que se danasse o favoritismo, queria o marido ao seu lado quando a hora chegasse.

— Apresente-se à central de comando para instruções assim que pousar, Capitão.

Cinco minutos depois, ele chegou, metido na armadura CFC como se jamais tivesse partido. Mas sua expressão contava uma história diferente.

— Eliminamos alguns esquadrões, Major. Creio que conseguimos mais umas duas ou três horas enquanto se reagrupam e voltam a se preparar.

— Valeu a pena?

Brach retesou o corpo. — Isso não sou eu quem decide, Major. Os homens cumpriram seu dever, como todos nós.

Lee suspirou. — E as informações? Alguma indicação da formação que eles vão usar no ataque?

Brach hesitou. — É difícil prever. Eles se entocaram no chão rochoso como se fosse areia.

— Você já caminhou fora da base? Eu poderia me enterrar nessa lua com uma pá em dois minutos.

Ele ignorou o sarcasmo. Ela ainda não sabia. — E você consegue curar uma perna quebrada em 5 segundos lá embaixo?

Os olhos de Lee se arregalaram. — O quê?

— Eu pensei que tinha matado metade da coluna no primeiro ataque. Mas aí eu voltei, vi um monte delas se entocando... e depois da emboscada de mutaliscas, eu olhei de novo e, juro por Deus, quase todas as baratas saíram do chão novinhas em folha. Parecia que a gente tinha tacado confete nelas.

Lee apertou os lábios numa linha fina e sombria e aquiesceu.

\* \* \*

*O pouso não fizera bem ao beemote, e ele precisaria de tempo para se recuperar. Mais tempo do que os zergs que ele carregava em seu interior poderiam sobreviver sem sustento. Além disso, tinha que explorar o ambiente.*

*A Kerrigan os conduziu para fora do beemote inconsciente. O planeta era quente, úmido, montanhoso e traiçoeiro, mas tais desconfortos não eram nada para os zergs. Muitos, Espinhentos, Alados e vários outros enxamearam pela floresta, varrendo toda a fauna e flora.*

*Mutaliscas sobrevoaram o toldo verde da floresta para examinar o local. Por meio delas, a Kerrigan viu uma estrutura próxima na floresta. Dois domos pálidos e edifícios de metal menores que deles partiam. Terranos ou protoss? Não importava. Seu maior interesse era nas instalações militares, o que não era o caso ali, obviamente. Ainda assim, havia vida ali dentro, que podia alimentar os zergs. Ela deu um único comando.*

*Atacar.*

*As hidraliscas foram as primeiras a estilhaçar as pálidas telas do domo. Vapor e ar quente sopraram para dentro, e o sistema de aviso primitivo dos humanos piscou com luzes brilhantes. O terreno dentro do domo era igual ao do lado de fora mas mais quente, com trilhas de superfície sólida cortando a vegetação. As hidraliscas ignoraram a trilha, seguindo em frente...*

*Um som, um grito terrano. A Kerrigan mandou que as hidraliscas avançassem.*

*Pequenas criaturas parecidas com lesmas, desconhecidas da mente zerg, caíram das árvores e plantas quando as hidraliscas passaram. Algumas prenderam-se aos zergs, que registraram dor no ponto de contato, mas a atenção da Kerrigan estava voltada para outra coisa.*

*Um único terrano, em frente a uma porta de metal. Ele fedia a medo e desespero, um coquetel embriagante que fez a cabeça das hidraliscas. Elas sorveram o cheiro, saboreando-o, e então o coquetel acabou. O único odor que restava no terrano era o da morte.*

*Agora os zergnídeos estavam dentro do domo e seguiram seus irmãos pela porta. Porém mais lesmas caíam enquanto os zergnídeos passavam descuidadamente, e mais zergs registraram dor, agora em níveis altos. A Kerrigan fê-los parar, curiosa; como uma criatura tão pequena quanto aquela era capaz de ferir os poderosos zergs?*



*Ela fez com que alguns zergnídeos examinassem as lesmas, mas elas eram criaturas frágeis e morriam facilmente nas garras afiadas feito navalhas dos zergs. Ela voltou sua atenção para as hidraliscas perto da porta e viu algo que não tinha notado ainda.*

*Mais lesmas recobriam a porta, e a superfície estava cheia de buracos. Algumas delas se escondiam nos recessos escavados. O terrano morto usava proteção nas mãos. Um recipiente aos seus pés acondicionava várias lesmas.*

*As lesmas não feriam apenas a carne zerg; de alguma forma também corroíam metal. Aquilo podia ser bem útil.*

*A Kerrigan sentiu uma movimentação inesperada e encontrou sua origem pelos olhos dos zergs. As lesmas mortas acidentalmente estavam tremendo. As que tinham sido apenas levemente feridas estavam se movendo outra vez, sem sinal de ferimento.*

*De fato, bem útil.*

\* \* \*

— O transporte Destroier de evacuação entrou em contato, Major. Chegada em sessenta minutos.

Lee suspirou aliviada. Quarenta minutos antes, os zergs tinham cercado a base Krakulv completamente. Agora estavam atacando as muralhas com tudo que tinham, inclusive jorros ácidos das baratas, enquanto mutaliscas davam rasantes, atacavam e subiam. As paredes estavam aguentando, e Brach comandava os esforços para rechaçar as ondas de mutaliscas com baterias de canhões antiaéreos. Mas Lee já não tinha dúvidas de que era apenas questão de tempo até que os zergs penetrassem a base lunar.

Sessenta minutos. Se as paredes e os canhões aguentassem por tanto tempo, ela poderia tirar o restante dos soldados dali, com menos de trinta por cento de baixas. Bem melhor que sua primeira estimativa após o primeiro ataque.

Os ataques de mutaliska tinham parado por alguns instantes. Lee voltou a atenção para as imagens do exterior da base, observando-as no console principal. O ataque implacável dos zergs já danificara muitos dos sistemas embutidos nas paredes, e as imagens eram pouco mais que borrões de estática e sujeira. Ela apertou os olhos, tentando discernir movimentos e formas no caos visual. Ali estavam os zergnídeos; ali, as hidraliscas e baratas...

Ela viu algo, ou pensou que viu, que fez seu coração saltar no peito. Voltou a imagem trinta segundos e confirmou o que vira. Depois voltou para a transmissão ao vivo e viu outra vez. E de novo.

Respirou fundo para dizer a Brach o que vira, mas a voz do capitão ressoou em seus fones de ouvido antes que ela pudesse falar.

— *Lee, tem algo acontecendo com o chão! Não dá para saber... Krakulv não tem atividade sísmica, não é?*

— Não é um terremoto, Brach. Acabei de ver.

Lee estendeu a mão para ligar o sinal de alerta vermelho no console e então se lembrou de que ele estivera ativo desde o amanhecer. Ela tocou o fone de ouvido e transmitiu para toda a equipe.

— Atenção, todas as unidades. As baratas estão escavando o chão sob as paredes. Repetindo: as baratas não estão só se entocando; agora elas podem se mover embaixo da terra, também! Todo o pessoal que não for da artilharia deve ir para o pátio imediatamente!

As imagens internas mostravam soldados correndo por toda a base em direção ao pátio. Então Lee se lembrou do que Brach vira no vale.

— É para usar apenas armamento pesado, e confirmem as mortes. Repetindo, quero 100% de certeza de cada morte! Esses filhos da puta se curam rápido, só ferir não adianta! Se se entocarem, usem granadas!

Quando os soldados chegaram ao pátio, armados com rifles "Empalador" C-14 e prontos, as primeiras baratas irromperam do solo lunar rachado dentro das muralhas. A base se iluminou com os clarões do tiroteio quando as tropas de Lee começaram o combate aos zergs. As baratas contra-atacaram com jorros ácidos e poderosos membros quitinosos que rasgaram um soldado ao meio sob suas vistas. Outro tombou quando uma barata irrompeu do solo embaixo dele. Ela o observou lutando enquanto a criatura o puxava para baixo, e obteve uma satisfação sombria ao ver pedaços de carapaça e o capacete do soldado saltando do buraco. Ele usara uma granada como última medida desesperada.

Dez minutos depois, a batalha ia de mal a pior. As baratas eram grandes, suas carapaças eram resistentes, e elas se regeneravam tão rápido quanto os Empaladores dos soldados as danificavam. Lee contou cinco baratas mortas, mas ao custo de trinta soldados — no mínimo. Seus homens tentavam manter distância, mas, com as baratas surgindo literalmente sob seus pés, não havia onde se esconder.

Então as baratas se viraram.

Lee desejou que estivessem batendo em retirada, preparando-se para se entocar novamente sob as paredes, mas percebeu que a invasão das baratas à base era só a primeira fase. Elas não tinham podido penetrar as muralhas de fora, reforçadas para aguentar ataques bem mais poderosos e contando com o apoio das armas-sentinelas

automáticas. Mas do lado de dentro não havia armas nem reforços. Apenas grossas placas de novoação, que as baratas agora atacavam com jorros concentrados de ácido — três baratas para cada ponto. Os soldados as atingiam com rajadas de Empalador, mas outras baratas entravam na frente, servindo de escudos vivos para os outros zergs.

As mutaliscas pararam, provavelmente esperando que as baratas terminassem o serviço. Era o que Lee teria feito. Mas ela ainda tinha uma arma — e uma difícil decisão a tomar. Respirou fundo.

— Brach, desligue a restrição giroscópica da bateria antiaérea, abaixe os canhões e mire nas baratas.

— *Como é que é, Major?*

— Aponta pra baixo, porra! Só os canhões têm poder de fogo pra parar as baratas antes que derrubem a parede!

— *Nosso pessoal ainda está lá embaixo!*

— Eu sei!

Brach interrompeu a comunicação.

Lee esperou, impotente, enquanto o ácido das baratas desintegrava as paredes da base molécula a molécula. A seção 4D estava caindo rápido.

Uma salva ensurdecadora de artilharia pipocou no pátio, rasgando um grupo de baratas. O dano colateral explodiu três soldados que estavam perto, arremessando-os no ar.

— *Todo mundo pra trás! Repetindo, mantenham distância e não enfrentem o inimigo!*

— A voz de Brach ecoou bem alta enquanto a artilharia antiaérea esraçalhava o pátio.

Lee ficou de olho no status da muralha; a equipe gritava as atualizações.

— Seção 8C desmoronando!

— 3B em oitenta por cento!

— 4D caiu!

— *Estou ouvindo! Vou me concentrar nessas áreas!*

Mais tiros de canhão atroaram pelo pátio, concentrando-se nas baratas que atacavam os pontos mais enfraquecidos. Brach mudou a direção dos disparos do pátio para os pontos em que seções da parede já tinham sido destruídas e estraçalhou os zergs que vinham entrando.

As mutaliscas começaram a atacar novamente, atraindo os disparos para si enquanto davam rasantes pelo ar, cuspidando saraivadas de pestes morfélicas nos soldados.

Lee olhou o cronômetro. Quarenta minutos.

\* \* \*

Illyana e Dan entraram na central de comando juntos. Dan pôs-se a trabalhar para aumentar a potência do sinal que recebiam do monitor vital de Raynold, respirando rápido enquanto apertava botões e mudava configurações.

Illyana ativou o console do Assistente Extra-Veicular e a sequência de aquecimento de um dos jipes de selva. Eram moicanos modificados, mas o Dr. Callins — cientista-chefe do projeto e diretor de biomorfologia — os chamara de "jipes da selva" no primeiro dia. Illyana não sabia se os cientistas achavam aquilo hilário de verdade ou se só estavam puxando o saco de Callins, mas o fato era que o nome pegara.

Dan ergueu os olhos do console. — Que barulho é esse?

Illyana se voltou, tentando identificar o som, e se deu conta de que vinha do bolso do traje resfriado. O sensor de alerta estava vibrando de novo. — Ah, não... — Ela verificou o status. — A esfera seis está comprometida.

— É a que fica mais perto da três, indo para oeste. Tinha alguém...?

— Não, só a três tinha gente hoje, graças a Deus. O que raios está acontecendo?

O Dr. Callins entrou na sala apressado. — Kortter, você arruinou o sinal? Todos os meus monitores na esfera seis apagaram!

Callins tinha o pavio curto típico de um cientista. Illyana se interpôs entre ele e Dannion para impedir a discussão que sem dúvida iria começar. — Não fomos nós, senhor. A seis foi comprometida, assim como a três.

— Então por que vocês ainda estão aqui parados? Vão lá fora consertar!

— É o que vou fazer. Se o senhor se acalmar... — O sensor de alerta zumbiu em sua mão. — E agora a esfera um se foi.

— Quê?!

Illyana ignorou Callins e requisitou o mapa do posto avançado. As biosferas se distribuíam em um padrão mais ou menos circular, cada uma distando entre dez e vinte cliques da base central. Era perto o suficiente para chegar lá com relativa facilidade, mas espaçado o bastante para garantir uma variedade de ambientes. A esfera três ficava a nordeste da posição deles. A seis ficava a oeste da três. A um, a sudoeste da seis...

— Dan, olhe aqui. Você estava certo: estão caindo em ordem. Sentido anti-horário, circular.

A expressão de Dannion dizia que ele preferiria estar errado. — Mas como assim "ordem"? Não há motivo pras esferas caírem em sequência. Elas são autônomas, com sistemas paralelos dedicados. A única conexão delas é conosco.

Illyana olhou para a ordem novamente e se lembrou das palavras de Raynolds: *Parece que apagaram as luzes.*

— Ativar alerta total. Dan, chame o ônibus espacial. Dr. Callins, reúna sua equipe e faça com que os preparativos para evacuação sejam seguidos. O senhor tem quatro horas.

Callins protestou, gaguejando: — O quê? Mas... você não pode... — Ela o expulsou da sala, ignorando os protestos. Illyana sabia que era o membro menos respeitado da equipe, mas tecnicamente o pessoal de segurança estava acima do pessoal não combatente na hierarquia, então o Dr. Callins que se danasse pra lá.

Os dedos de Dannion pairaram sobre o console. — Illyana... não saia. Por favor.

Ela sorriu com tristeza. — Dan... eu adoraria ficar aqui esperando a evacuação. Mas não posso. É o meu trabalho. — Bem no fundo, mesmo depois do horror e do trauma, Illyana Jorres ainda era uma soldado. Uma fuzileiro. E ela não iria ficar ali parada enquanto... enquanto...

Ela não queria nem pensar na palavra.

\* \* \*

— *Base Krakulv, aqui é o Destroier Vitória. Estabelecemos contato visual. Responda.*

Cinco minutos adiantado. Lee mudou o canal de comunicação para transmissão externa. — *Vitória, aqui é a Base Krakulv, major Lee Treicher falando. É ótimo ver vocês. A*

gente tá no sufoco aqui embaixo. Tenho aproximadamente de um zero zero a um cinco zero sobreviventes para evacuação; aguardando instruções.

— Parece meio apertado aí embaixo, Major. Cabe um destroier no seu estaleiro?

Lee praguejou baixinho. Krakulv não fora projetado para uma nave do tamanho do *Vitória*. Ninguém achou que seria necessário. — Negativo. Dá pra pousar do lado de fora?

— *Negativo. Tem meio clique de zergs pra todo lado.*

— Vocês já pegaram nossas ambulaves?

— *Afirmativo, todas aqui.*

— Então escutem. Temos uma ambulave sobrando aqui. Mandem mais três vazias, depois venham para cá; fiquem em cima da base dando apoio com a artilharia de vocês pra gente ganhar tempo.

Silêncio na linha. Lee sabia que o capitão da nave avaliaria sua sugestão, mas aquela era a única opção sensata. Mesmo um destroier de configuração básica como o *Vitória* tinha artilharia suficiente para fazer os zergs pensarem duas vezes e blindagem o bastante para suportar contra-ataques.

Houve um ruído de estática. — *Entendido, Major. Parece um bom plano. Tempo até chegar na posição de disparo: três minutos. Vamos mandar as ambulaves quando chegarmos aí.*

Lee passou os próximos três minutos coordenando as tropas. Ela conduziu os soldados feridos à ambulave que restara e ordenou ao resto do pessoal que recuasse para o interior do prédio. Então enviou o restante da equipe da central de comando para o estaleiro de ambulaves. Houve alguma discussão, mas todos se acalmaram quando Lee



lhes lançou um dos olhares gélidos que funcionavam tão bem com Brach. Eles saíram em fila... e esbarraram no marido dela, que vinha na direção oposta.

— Lee! Vamos; vamos logo!

Uma luz verde no console principal avisava que o piloto da ambunave estava pronto. Lee abriu as portas anti-impacto do hangar. — Vá na frente, Brach. Eu fico até o fim da evacuação.

— Já é o fim da evacuação! O destroier está entrando em posição. A base não é um navio, Lee, e você não é a capitã! Não precisa afundar junto!

— Não é minha intenção. Mas não podemos deixar que os zergs se apossassem das nossas informações, e não há tempo de apagar tudo.

— É só armar a bomba nuclear, vamos!

— Não é tão simples. Se programarmos para detonar rápido, podemos explodir o *Vitória* e todo mundo dentro; se dermos mais tempo, os zergs vão fugir daqui com tudo o que temos antes que a bomba sequer seja engatilhada.

— E o que você sugere?

Lee olhou para o console. Com os soldados saindo, os zergs já começavam a penetrar os setores externos do edifício central. E as baratas destruiriam facilmente as portas das anteparas, inclusive a da central de comando. Ela se voltou para Brach e sorriu. — Lembra quando eu reclamei da sua ideia de trazer a estante de troféus?

— Lembro...

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou na bochecha. — Seu gênio lindo! O plano é o seguinte...

\* \* \*

O jipe de selva chacoalhava sobre o terreno acidentado, arremessando-se em meio à vegetação da floresta o mais rápido que Illyana ousava pilotar. Gavinhas e trepadeiras batiam contra o para-brisa, quebrando e caindo, e insetos e pequenos primatas se afastavam rapidamente do caminho do veículo.

A sombra da montanha transformava a luz do sol da tarde em um brilho crepuscular, mas ela conseguiu discernir a biosfera cem metros mais à frente, subindo a encosta da montanha. Dali parecia ok. Podia haver uma névoa fina subindo de um dos domos, mas aquele era um ambiente úmido. Ela já vira vapor subindo das pedras nuas ali, por causa do calor da floresta.

Illyana fez o jipe de selva voltar para a estrada de terra. Já estava perto o suficiente para que não fizesse diferença, e tentar subir a encosta de uma montanha em Garxxax com um moicano era procurar encrenca.

Ela chegou à base e estacionou. Alguma coisa estava definitivamente errada. A base estava completamente às escuras, sem nenhum sinal de energia nem de vida. Rachaduras se espalhavam pela superfície do domo geodésico mais próximo. A porta de entrada principal tinha sido arrancada das jambas, amassada e jogada no solo da floresta; dentro, Illyana só viu devastação.

O nodo central parecia ter sido arrasado por animais selvagens: equipamento, consoles e mobiliário, tudo destruído. Fios de energia chiavam e estalavam, emaranhados, derramando-se de painéis arrancados. As placas do chão estavam esmagadas como se tivessem sido pisoteadas pelos cascos pesados de uma manada de feras. Havia alguma

forma de vida nativa do planeta que eles não conheciam? Alguma fera enorme capaz de arrasar um lugar daqueles assim?

Ela abriu o canal de comunicação. — Kortter, aqui é Jorres. Cheguei na esfera três e a situação tá feia. Destruição quase completa.

A resposta de Dan veio cheia de estática. — *Mal consigo te ouvir, Jorres... Você está bem? Com... porcaria. Comunicação falhando... por aí?*

— Estou bem — mentiu ela. — Só me diga que você chamou a evacuação.

— *Afirmativo... ainda antes de você sair... noventa minutos... volte.*

— Tudo bem, estou ouvindo. Estática pra caramba, mas estou ouvindo.

— *Não, sua pateta... volte! Mais quatro esferas... acontecendo... sair deste planeta!*

Mais quatro esferas caídas. E ela podia apostar as economias que as outras continuavam a cair no mesmo padrão. Um padrão que estava cercado a base central, lenta mas metodicamente.

Illyana chegou à escotilha hermética da esfera principal. Toda esfera tinha uma, para manter a integridade do ecossistema. As portas eram programadas para travar automaticamente se uma esfera fosse rompida, mas Illyana usou um código de segurança, prendendo a respiração.

A porta se abriu com um som metálico alto. Pelo menos aqueles sistemas ainda estavam operacionais. A maçaneta de metal estava quente; de início, ela pensou que o motivo fosse a bagunça nos controles do ambiente, mas então se lembrou de onde estava.

A biosfera três pesquisava duas formas de vida nativas. Uma era uma árvore cujas gavinhas continham uma seiva estranha que grudava feito cola ao novoaço. Estavam tentando ver se dava para usar o material como agente de reforço de novoaço. O problema

era que a seiva era bastante inflamável. Para causar um incêndio, bastaria um único disparo de pistola ali... ou — como tinham descoberto — uma reação química incendiária aos habitantes do segundo domo.

A lesma de zantar tinha só alguns centímetros de comprimento, mas excretava um muco altamente corrosivo quando ameaçada, para deter predadores. O muco derretia novoço... e fazia a seiva entrar em combustão se a tocassem. Na natureza, as lesmas e as gavinhas viviam em lados opostos do continente. Mas o tempo e o acaso às vezes as reuniam, causando uma reação explosiva que deixava Raynolds, um biólogo químico, bastante empolgado. Ele uma vez brincara dizendo que as tempestades tropicais de Garxxax eram tudo o que impedia o planeta de queimar até o fim. Mas, nas biosferas artificiais, eles podiam controlar e observar a reação em segurança.

O próximo problema era pegar as lesmas. Elas não eram inteligentes, mas tinham instinto de sobrevivência o bastante para fugir quando ameaçadas. Provas disso eram encontradas no chão da floresta, onde aglomerados de pequenos furos indicavam grupos de lesmas zantar entocadas.

Raynolds e seus colegas estavam tentando decodificar a composição do muco, que permitia às lesmas carregarem-no em seus corpos sem ser feridas. O mistério parecia estar conectado ao estranho metabolismo que fazia com que as lesmas se regenerassem rapidamente. Certa vez, Hesken mostrara a Illyana um vídeo de uma lesma sendo praticamente cortada em duas e, em seguida, se recompondo e voltando a se mover como se nada tivesse acontecido. No vídeo, levava menos de um minuto, e ela perguntara a Hesken qual a velocidade de gravação. Ele rira e dissera que era em tempo real; não fora preciso aumentar a velocidade.

Agora Illyana olhava ao redor para a devastação na esfera e se perguntava o que podia ter dado errado. O ecossistema das gavinhas de seiva estava quase completamente arrasado. Os irrigadores automáticos tinham se ativado e salvado algumas plantas, mas não antes de o calor do incêndio rachar o domo acima.

O solo estava coberto de corpos de lesmas calcinadas. Ela supôs tratar-se de baixas da criação experimental de Raynold, libertas quando suas jarras e jaulas queimaram.

Percebeu quão errada estava quando passou por uma gavinha e várias lesmas zantaram caíram sobre ela. Teve sorte: nenhuma tocou sua cabeça, nem seu visor, nem seu tubo de oxigênio. Mas várias caíram no braço direito e reagiram instintivamente antes que Illyana conseguisse afastá-las. Algumas caíram sobre as plantas, acendendo a seiva. Elas se encolheram e caíram enquanto o fogo se consumia rapidamente, sem ter para onde se espalhar.

As costas da mão queimavam. Uma dor calcinante invadia o antebraço, e ela percebeu que não fora apenas sua mão a ser afetada. A mão simplesmente tinha mais receptores nervosos para registrar a dor.

Ela rasgou a luva, arrancou em desespero a manga do traje resfriado do ombro e olhou horrorizada. Trechos de pele da mão e do braço fumegavam e chiavam enquanto o ácido penetrava em sua carne. No chão, o tecido do traje derretia feito gelo. O muco corroeu até as seções de placas de novoação que recobriam os músculos mais importantes.

Illyana gritou. A dor não parecia com nada que ela já sentira, nem mesmo na guerra. Pior, não fora um ferimento causado por um inimigo, mas um descuido que no final fora culpa sua. Ela se sentiu uma amadora e amaldiçoou sua teimosia. Poderia ter escutado Dan, ficado na base central e ajudado a preparar a evacuação.

Mas não escutara. E a mesma teimosia a fez continuar avançando de P220 em punho. De alguma forma, as lesmas tinham se libertado ali, incendiado as gavinhas e arrasado totalmente o ecossistema daquele domo. Mas como?

Ela recuou até o nodo destruído. O incêndio certamente não causara toda aquela destruição. Então o que causara? Caminhou pelo segundo corredor até chegar ao domo das lesmas e encontrou a resposta para a primeira pergunta. A porta interna da escotilha hermética tinha sido arrancada das dobradiças e jazia no chão, dobrada e amassada.

Estava toda perfurada. Jogada ali no chão, parecia um dos aglomerados de buracos lá de fora. As lesmas não a atacaram sem motivo.

Muitas possibilidades passaram por sua cabeça, e ela ergueu a pistola ao passar pela porta. Seu braço direito — o que restara dele — já não doía mais. Ela sentia apenas um incômodo distante. Ou ela estava entrando em choque ou seu cérebro tinha desligado os receptores daquela parte do corpo de alguma forma. Não importava... era mau sinal. Mesmo se tudo desse certo, o braço estaria inutilizado. Ela se perguntou se a empresa lhe daria um cibermembro como compensação.

Ouviu uma risada cínica em algum lugar, e percebeu que era ela mesma. Sentia-se queimar. Os controles de temperatura do traje resfriado tinham se desligado quando arrancara a manga, rompendo o isolamento, e agora o suor escorria por seu rosto, queimando seus olhos.

Sua mente entrou em foco com velocidade impressionante quando ela quase tropeçou no corpo de Raynolds na passagem.

Ele estava irreconhecível, rasgado e retalhado a ponto de parece uma polpa. Mas era um corpo humano, caído provavelmente no lugar onde falara as últimas palavras, o chamado à base que Illyana ouvira enquanto conversava com Dan.

As rachaduras que ela vira de fora eram naquela biosfera, mas era o outro lado que chamava atenção. Estava quase completamente destruído. Estilhaços de tela difusora jaziam por toda a parte. As plantas do ecossistema em miniatura, tão cuidadosamente arranjadas para replicar as condições da floresta tropical, estavam pisoteadas e destruídas. Várias árvores grandes tinham sido desarraigadas.

Ela olhou para baixo à procura de mais lesmas e percebeu que o que quer que tivesse feito aquilo não fora um estouro de animais selvagens. As placas do chão não estavam só marcadas por garras profundas. Também exibiam marcas de queimadura, espinhos serrilhados fincados na superfície e um rastro de destroços pisoteados. Era familiar o suficiente para fazer seu estômago dar um nó.

Em uma esquina mais à frente, atrás de uma seção mais alta da vegetação, algo lampejou nas sombras. Illyana se aproximou, pé ante pé. Inconscientemente, flanqueou o outro lado para se aproximar com mais cobertura, mantendo as costas voltadas para uma das poucas seções do domo ainda de pé. O cheiro de algo podre assolou suas narinas. Ela tirou os plugues de oxigênio do nariz, só o suficiente para sentir o cheiro direito, e os recolocou. O cheiro era rançoso, uma mistura de putrefação e acidez.

Sua respiração prendeu na garganta quando ela dobrou a esquina. Uma massa fervilhante e revolta de carne membranosa obscurecia o chão, simultaneamente vivendo e apodrecendo. Exalava nuvens de vapor tóxico que evolavam-se e saíam do domo rachado.

No centro, voltando-se para ela, havia uma criatura que outrora podia ter sido uma lesma zantar. Agora tinha o dobro do tamanho, e sua carne marrom endurecia, transformando-se em uma carapaça pontilhada por membranas roxas vívidas.

A criatura não se moveu, mas Ylliana, sim, recuando lentamente. Ela encontrou o que procurava na primeira biosfera, um recipiente de líquido marrom viscoso, não danificado pelo fogo. Ela o levou de volta ao domo de lesmas e o deixou no chão perto da matéria sarcoide putrefata, para romper o lacre com a mão boa.

Levantando-se, ela jogou o líquido na lesma, sacou a P220 e deu um único disparo nas gavinhas das plantas que se espalhavam pelo recinto.

Elas se acenderam com um clarão e o fogo se espalhou, emitindo fumaça negra sufocante que a fez recuar, tropeçando nas plantas e árvores arrancadas. Ela se voltou para correr e, pelo domo quebrado, viu uma forma grande e sombria do lado de fora, em um nicho próximo à montanha. Não viu direito — estava escuro e distante demais, e ela não ia ficar por ali para ver melhor —, mas reconheceu o beemote na mesma hora.

As marcas de garras, os espinhos caídos, a lesma zantar mutante... podia ser tudo coincidência. Mas agora não restavam dúvidas.

Os zergs tinham voltado. E tinham vindo para Garxxax em massa.

\* \* \*

Os zergs rasgaram a porta enfraquecida pelo ácido como se fosse papel molhado. Brach se voltou e disparou, matando quatro zergs antes de ouvir a outra porta se abrir com um sibilo.



— Anda, Brach! — gritou Lee, invejando o capacete que ele usava enquanto seus ouvidos eram assolados pelo barulho do tiroteio. Ela já havia passado pela porta seguinte, mão pousada sobre o painel de travamento. Brach passou correndo e se agachou enquanto Lee apertava o botão de fechamento de emergência. Faltava passarem por mais duas anteparas.

Passaram pela seguinte antes que os zergs atravessassem a porta atrás deles, e Brach respirou aliviado. Estavam ganhando alguma distância entre eles e os perseguidores.

— *Capitão, estamos prontos para partir. Qual a situação?* — A voz do piloto ecoou nos fones de ouvido de Lee.

— Entrando no hangar agora — disse ela. — Aguarde.

A última porta se abriu, revelando a doca do hangar. Estava vazia, exceto pelo vudu quebrado de Brach e a última ambulante, lotada de soldados. A rampa de embarque estava abaixada, esperando. Lee e Brach foram os últimos a sair. Os motores da ambulante rugiram, o piloto segurava o manche e já engatara a primeira marcha, impaciente por ativar os motores e dar o fora dali.

Eles correram pelo hangar, Lee na frente, dando tudo o que tinha. Brach poderia tê-la ultrapassado facilmente com os atuadores do seu traje, mas ele se movia lentamente, protegendo a retaguarda. Ao chegarem à rampa, Lee ouviu um som de esmagamento vindo da retaguarda, quase inaudível por causa dos motores. Ela olhou por cima do ombro e viu as duas portas de entrada auxiliares sendo derrubadas. Hidraliscas e baratas invadiram a doca.

Brach os viu, ergueu o rifle e abriu fogo. — Continue — gritou ao comunicador do capacete. — Eu dou cobertura!

Ela lutou para não voltar até ele. Brach estava certo; ela não estava equipada para combate, e, com seu traje, ele poderia chegar à nave em alguns segundos. Mas ela o conhecia, sabia o tipo de riscos que ele assumia. — Não — gritou ela, ainda correndo. — Vá pra rampa! Dá pra chegar antes que nos alcancem!

Brach pareceu ignorá-la e disparou uma salva de tiros de rifle nas hidraliscas, matando duas. Mas então ele começou a caminhar para trás, disparando rajadas curtas. Corpos de zergs se empilharam, bloqueando o corredor e fazendo com que os zergs atrás deles tivessem que se esforçar para atravessar. — Só por garantia — disse ele. — Agora entra! Estou logo atrás!

Ela sabia que era mentira, mas mesmo assim subiu na rampa, e só então olhou para trás. — Já entrei! Traz esse rabo murcho pra cá logo, soldado!

Brach começou a correr para a rampa, virando-se esporadicamente para disparar contra os zergs. Ele disparou uma última rajada antes de pular na rampa — mas um pouco tarde demais. As baratas estavam mais perto do que ele calculara. A que estava mais à frente se ergueu e abriu a boca, vomitando um jato de ácido bem quando Brach chegava à rampa. Acertou acima do joelho direito, derrubando-o. Ele caiu de bruços ao lado de Lee, que viu horrorizada a armadura de novoação fumegar e se dissolver.

Brach gritou de dor, mas, mesmo com o microfone do capacete, Lee mal pôde ouvi-lo por causa do barulho dos motores. Ele se contorceu de agonia, batendo os braços, e acidentalmente prendeu Lee no chão da rampa. Ela lutou sob o peso do traje, torcendo o ombro para conseguir pegar uma granada no cinto. Algo estalou em sua junta do ombro, mas não houve dor. Seus dedos se fecharam sobre o objeto redondo, frio e explosivo. Ela puxou o braço de volta e conseguiu libertá-lo.

— Vai! Vai! Feche a rampa! — gritou ela ao microfone. A granada voou, refletindo a luz do sol ao cruzar o hangar. E caiu na boca aberta da mesma barata que havia atingido Brach.

Lee viu o zerg explodir pela fresta entre a rampa da nave, que se fechava, e o casco. Dois soldados viraram Brach de barriga para cima, e um terceiro gritou alguma coisa para o piloto. Os motores se ativaram com força total. A ambunave se ergueu, virou noventa graus e acertou os zergs em cheio com a combustão dos exaustores ao subir.

Brach, ainda no chão, virou a cabeça para Lee e ergueu o visor. Ele sorriu, fez uma careta de dor e sorriu de novo.

— Eu sempre disse que a gente era uma boa dupla.

\* \* \*

Dannion observou horrorizado e resignado enquanto a última biosfera caía. Ainda faltavam trinta minutos para a nave de evacuação chegar. Ele se perguntou se a base central duraria tanto tempo. Se perdessem energia, a nave teria que usar coordenadas manuais para encontrá-los e pousar, mas o terreno florestal montanhoso tornaria a operação difícil. Havia um local adequado ali perto: o mesmo local onde pousaram os transportes que os tinham trazido, junto com o laboratório, a Garxxax. Mas depois de seis meses sem uso, a floresta estava retomando a área, e identificá-la do alto seria complicado. Especialmente com uma tempestade pesada vindo do oeste.

O último contato de Dannion com Jorres fora uma hora antes, quando ele a instara a retornar. Desde então, não conseguira mais falar com ela. Mas não havia mais nada que ele

pudesse fazer agora. Entrou na área *lounge* central, onde Callins e o resto da equipe se reuniam. Faltavam duas pessoas.

— Ei, onde estão Hesken e Dirthiss?

Callins fez uma careta para ele. — Ainda empacotando as coisas no dormitório. Está tudo bem, ainda temos tempo.

Os demais estavam sentados pela sala, bebendo e conversando. A maioria reclamava. Alguns olhavam para Dannion com suspeita. Tinham discutido antes sobre os apagões, e Hesken até acusara Dannion e Jorres de reagir com exagero ao que era "claramente um problema de comunicação". Dannion mencionara o relatório de Jorres que dizia que a esfera três tinha sido completamente destruída, mas Hesken ignorara aquilo. Talvez uma árvore tivesse caído, ou um rochedo tivesse rolado montanha abaixo. Talvez um meteoro tivesse aterrissado no local da esfera.

Nem todos os cientistas reclamavam. Alguns jamais tinham participado de uma missão tão isolada assim e estavam um pouco afetados nos nervos. Mas a interrupção das pesquisas fora um golpe para todos, até mesmo para Dannion. Ele era um físico originalmente, e tinha usado seu tempo livre para realizar algumas análises de ondas de rádio no espaço profundo. Baixara todos os dados disponíveis, mas, desde que os sistemas de comunicação tinham começado a dar defeito, a corrupção de informação tornara-se um problema. Pelo que ele sabia, os dados seriam inúteis quando voltassem a Korhal. Mais uma baixa.

Um barulho de impacto interrompeu seus pensamentos. — Que porra foi essa?

Callins apontou na direção do dormitório de Hesken. — Hesken provavelmente viu a própria sombra e derrubou a valise. — Alguns cientistas riram. Hesken era notoriamente nervoso, e a ordem de evacuação o deixara ainda mais inquieto, compreensivelmente.

Então, um segundo impacto. Dannion começou a caminhar pela sala, afastando as bagagens e cadeiras. Antes de chegar ao corredor que levava ao dormitório de Hesken, seu comunicador pessoal apitou.

—...*Para a base... Jorres... Dan, você está aí?*

A linha estava repleta de estática, mas era bom ouvir a voz dela. — Illyana, cadê você? Estou tentando falar com você há mais de uma hora.

— *A coisa não vai bem, Dan... a esfera foi completamente... zergs, tenho certeza... tentando chegar aí...*

Os sons de impacto no dormitório de Hesken se combinaram a outro barulho: gritos de homens em pânico lutando por suas vidas.

Dannion gritou para os outros cientistas: — Merda! Eles chegaram! Pro arsenal! Corre todo mundo! — Ele deu meia-volta, tentando lembrar a direção do "arsenal", que não passava de uma estante que guardava meia dúzia de pistolas. Não iriam adiantar muito se Illyana estivesse certa, e ele não tinha certeza absoluta de tê-la escutado corretamente...

No final, não importou.

Dannion, Callins e todos os outros cientistas ficaram paralisados, boquiabertos, transfixados de pavor ao ver a quantidade impressionante de zergs que irrompia pelos corredores da base, invadia a área de *lounge* e os cercava.

Não demoraria muito.

\* \* \*

O pouso da ambunave foi atribulado. A doca de pouso do *Vitória* já estava lotada de ambunaves. A frota de Krakulv tomara todo o espaço que ainda estava disponível.

Mas qualquer pouso do qual fosse possível sair andando era bom o bastante. Os soldados começaram a desembarcar, saudados pelos que tinham chegado antes. Uma equipe médica veio correndo, pronta para levar Brach e vários outros soldados feridos para a sala de cirurgia de emergência. Lee logo iria também. Mas não ainda.

Em vez disso, ela abriu a porta da cabine da ambunave e agarrou os fones de ouvido do piloto.

— Capitão, aqui é a major Treicher.

— *Bem-vinda a bordo, Major. Os rapazes me falaram que você foi a última...*

— Fique quieto e escute. Suba agora mesmo, está ouvindo? Temos que sair da órbita baixa!

— *Nada feito, Major. Temos ordens de expurgar a Base Krakulv com bombas nucleares antes de voltar à estação.*

— E o que diabo você acha que estávamos fazendo lá embaixo, demorando só de curtição?

— *Ah. Entendido.*

\* \* \*

*Os terranos tinham ido embora, fugido como os covardes que eram, e abandonado sua preciosa base. A Kerrigan observou pelos olhos dos zergs, montando um panorama em retalhos do que os terranos tinham deixado para trás. Muito do equipamento ali era velho ou inútil para os zergs, e nenhum trabalho biológico fora detectado em lugar nenhum da base. Mas aquilo era lógico; aquela era uma estação de aviso. Portanto, trabalhava primariamente com informação.*

*Os zergnídeos se espalharam, enxameando pela base, notando e marcando cada metro quadrado. As mutaliscas fizeram o mesmo do lado de fora. A Kerrigan não deixaria nada para o acaso.*

*Hidraliscas e baratas avançaram pela base até o centro nervoso. Se houvesse alguma informação útil dos humanos naquela lua morta, estaria lá. A Kerrigan mandou as baratas mortas abrirem caminho pelas portas anti-impacto, revelando uma colmeia de luz e som zumbindo de atividade, uma alma eletrostática fantasmagórica rodando para sempre na esperança vã do retorno dos humanos.*

*A primeira barata detectou calor ao passar pelos restos liquefeitos da porta. A Kerrigan registrou a sensação, mas parecia não ter importância, até que mais zergs começaram a sentir o mesmo.*

*Chamas se espalharam pelas paredes do centro nervoso, propagando-se para além de onde ficava a porta anti-impacto. Um cheiro peculiar agitou todas as baratas, despertando uma memória coletiva distante de selvas úmidas, montanhas altivas e seiva exótica.*

*Chamas lamberam o teto. O comprimento de onda da luz mudou, indo em direção ao infravermelho. Uma onda de som de oscilação rápida preencheu o lugar.*

*Bem dentro da lua morta de Krakulv, sistemas zumbiram, ativando-se.*

\* \* \*

A conversa com Dannion fora interrompida segundos depois de Illyana ouvir os gritos, e ela sabia que não fora por causa de uma conexão ruim.

Ela vira os rastros ao escapar do domo arruinado da biosfera três. Ouvira sua movimentação distante ao juntar jarras de seiva em uma caixa. Ouvira as explosões das outras biosferas enquanto dirigia o jipe a toda com uma só mão, enquanto uma das tempestades tropicais comuns em Garxxax começava a ribombar no alto.

Seu braço ferido estava dependurado, inútil. E parecia ainda pior, como se o ácido estivesse se espalhando. Cada movimento do jipe fazia com que sentisse dor no peito, embora não saísse da estrada de terra. Seria o ácido ou apenas a dor e o esforço de tentar retornar à base? Ela não sabia, não se importava.

Cinco minutos antes, ela vislumbrara uma hidralisca no espelho retrovisor, saindo da floresta, quando ela dobrou uma esquina. Desde então nada acontecera, e ela pensou que não tinha sido notada.

Errado. As árvores se estilhaçaram quando um zernídeo irrompeu da floresta, batendo contra o capô do jipe. Ela gritou sem querer e tentou desviar, mas as chuvas fortes tinham transformado a estrada de terra em um lamaçal, e a frente do jipe bateu em seu grande corpo quitinoso. Um painel de novoço de soltou, sendo arremessado pelo ar e caindo na estrada mais atrás. O veículo desacelerou um pouco e um dos eixos dianteiros cedeu com o impacto.



Mas ainda estava se movendo. Ainda funcionava. Fumaça subia do local da base no vale, obscurecendo o cenário. Mas ela já vira várias vezes o que os zergs faziam com as bases e estruturas terranas durante a guerra.

O jipe avançou mais cem metros com dificuldade e então alguma coisa atingiu a traseira com um baque pesado. Ela conseguiu ver no espelho uma coluna de zergs perseguindo-a, antes da traseira bater no chão, arrastando aço pela lama e puxando o jipe na direção da floresta.

Ela pulou antes que o veículo batesse em uma árvore do lado da trilha. Caiu em cima do braço ruim e gritou de dor quando o que restava dos ossos estalou e rachou.

Mas ela se forçou a se levantar e arrastou o caixote de jarras para fora do jipe. Muitas tinham quebrado com o impacto, mas ainda havia algumas intactas. Ela verificou a espessura da trilha, calculou a distância dos zergs que se aproximavam e viu que dava para criar uma barreira de fogo espessa o suficiente para detê-los... se a chuva não apagasse o fogo rápido demais. Se a tempestade passasse, talvez o fogo até se espalhasse para a floresta e os retardasse por tempo o suficiente para ela chegar à base.

Ou talvez ela acabasse carbonizada. Iria morrer com certeza, aquilo era certo. Mas levaria todos os alienígenas filhos da puta que pudesse.

Ela retirou a primeira jarra do caixote... e olhou para cima, surpresa ao ouvir o som de motores rugindo no alto. Um ônibus espacial atravessou a barreira de nuvens e começou a descer em direção à base. *Até um soldado piloto deve ser capaz de achar aquela coluna de fumaça*, pensou ela com um sorriso.

O piloto conseguiu se fazer ouvir no canal de comunicação, embora a linha estivesse repleta de estática. — *Base Garxxax... ônibus espacial de evacuação... Primeiro-tenente Treicher. Nós... visual, por favor...*

— Evacuação, aqui é o primeiro oficial de segurança Illyana Jorres! A base foi destruída — Repetindo, destruída! Só eu sobrevivi, a meio clique de distância em uma estrada de terra! É só encontrar a porra dos zergs que estão vindo pra cá! Está ouvindo?

Uma pausa. Os zergs estavam chegando mais perto.

— *Positivo... oficial Lee... cortando... Procurando por... Aguarde.*

Illyana suspirou. O piloto só ouvira metade da mensagem e do seu nome em meio à estática. Mas ao menos a ouvira. Agora tudo o que ela tinha que fazer era sobreviver por tempo suficiente até que pousassem...

Ela arremessou a jarra de seiva nos zergs que se aproximavam e disparou a P220.

\* \* \*

Ela olhou para a retaguarda em um monitor na doca de pouso enquanto os médicos prendiam Brach a uma padiola.

Krakulv tremeu e explodiu em um clarão de calor nuclear. Vaporizado.

— Uou — exclamou um dos médicos. — Vocês... vocês fizeram aquilo? Passou meio perto, hein.

— Instalamos bombas no núcleo quando construímos a base. Eu não podia correr o risco de fazer uma contagem regressiva, então vinculei o ativador aos alarmes de incêndio. Daí só tivemos que esperar os zergs começarem um incêndio.

— Desde quando os zergs usam cargas incendiárias?

Lee sorriu. — Bom, a gente deu uma ajuda. Eu tenho uma lembrancinha na nossa estante de troféus, uma jarra de seiva de... Olha, deixa pra lá. Funcionou.

Brach apertou sua mão com mais força. — Err... malditas... lesmas.

Lee apertou sua mão de volta. — É. Eu sei. — Ela se voltou para os médicos e apontou para a perna de Brach. — Agora, escutem, isso aqui é ferida de barata. O ácido contém agentes virais que se propagam pelo sistema nervoso, e usar nanocrosta só piora o processo. A única maneira de neutralizar a infecção é pôr toda a perna em banho alcalino, injetar bacteriófagos virais, limpar e mensurar o dano. — Ela fez uma pausa. — Mas, para ser sincera: provavelmente vocês vão ter que amputar mesmo assim.

O médico ficou boquiaberto, sem acreditar naquela franqueza. — Ahm, moça... obrigado, claro, mas podemos discutir isso em particular?

Brach deu um sorriso discreto. — Ela é minha esposa... seu pastel. E ela sabe mais... sobre feridas de barata que... os seus professores... Mostra pra eles, amor.

Brach soltou a mão de Lee. Ela a ergueu diante do rosto do médico com a palma para a frente e puxou a luva. Ele ficou boquiaberto ao ver a blindagem de novoço, os aglomerados de nervos endoesqueléticos, o brilho suave das luzes de status.

— Um cibermembro.

— Até o ombro. Adivinha como eu consegui isso.

Brach riu, tossiu, engasgou, cuspiu catarro e agarrou a mão de Lee novamente. Ela caminhou ao lado da sua padiola enquanto os médicos a empurravam pelos corredores da nave. — Como eu disse... uma boa dupla.

— Eu estou bem aqui, Brachyan. — Ela apertou-lhe a mão. — Acho que com essa são duas que eu te devo.

Brach sorriu. — Já sentiu... aquela sensação de déjà vu, Illyana?

Ela continuou ao seu lado enquanto entravam na ala médica.